

## A Doença que apaga a memória tem aumentado na Região



**1** A doença de Alzheimer tem vindo a aumentar na Região?

**2** A Região consegue dar resposta social, designadamente a nível de lares, aos doentes?

**ROBERTO FERREIRA**  
*rferreira@dnoticias.pt*

A doença de Alzheimer é um tipo de demência que provoca uma deterioração global no organismo. Segundo o 'site' da 'Alzheimer Portugal', a Organização Mundial de Saúde estima que existam 47,5 milhões de pessoas com a patologia no mundo inteiro. Contudo, o número vai aumentar nos próximos anos.

De acordo com dados de 2018, Portugal é o quarto país da OCDE com maior número de casos de demência e está entre os países com pior resposta para o problema de saúde mental. A falta de médicos especialistas para seguir os doentes, as orientações clínicas e formação para o diagnóstico nos cuidados de saúde primários, a falta articulação entre os cuidados de saúde e sociais e a falta de respostas da comunidade para que estes

doentes sejam independentes o maior tempo possível, são as falhas mais apontadas.

Saber ao certo ao número de doentes que sofrem da doença de Alzheimer é uma tarefa quase impossível. Em 2016 calculava-se que existiam 160 mil em Portugal.

Uma das grandes dificuldades sentidas por muitos familiares de doentes prende-se com o apoio social disponibilizado e com a falta de resposta no caso de lares com capacidade para receberem doentes com a patologia.

No próximo dia 21 assinala-se o Dia Mundial da Pessoa com Doença de Alzheimer. Na Região estão previstas diversas actividades, como os 'Passeios da Memória' nos concelhos de Machico (20 de Setembro, sexta-feira); Ribeira Brava (21 de Setembro, sábado); Câmara de Lobos (2 de Outubro). Todas as informações detalhadas estão em [www.passeiodamemoria.org](http://www.passeiodamemoria.org).



**TERESA CAROLINA AGUIAR** - DIRECTORA DO SERVIÇO DE NEUROLOGIA DO SESARAM

**1** Na verdade não temos números sobre a prevalência da Doença de Alzheimer na Região, mas admitimos que se passa o mesmo que a nível mundial. Com o aumento da esperança de vida, a incidência aumenta; são prestados melhores cuidados

aos doentes, pelo que vivem mais tempo; a sociedade e as famílias estão mais atentas aos sintomas, o que leva a uma maior procura de consultas e, consequentemente, mais diagnósticos. Por tudo isto, posso dizer que tem aumentado o número de casos na Região.



**1** A visibilidade dos problemas decorrentes da Doença de Alzheimer é no presente maior. Não sabemos quantas são as pessoas que têm Doença de Alzheimer na Região. Muitas não estão identificadas e diagnosticadas. A maior valorização das necessidades e das alterações associadas ao facto da pessoa ter demência advém da melhor informação das populações sobre as respectivas manifestações bem como da atenção facultada pelos serviços de saúde e sociais e pelos seus profissionais, nas comunidades. Nas regiões mais desenvolvidas em que nos incluímos, com o aumento da longevidade o acréscimo das pessoas com Doença de Alzheimer tem ocorrido, pelo que em 2012, a Organização Mundial de Saúde considerou a intervenção face às pessoas com demência uma prioridade de saúde pública.

**2** As pessoas que sofrem de demência devem permanecer nos seus ambientes familiares. Quando solicitado pelo

próprio ou em caso da pessoa estar limitada para decidir e o seu representante solicitar a residência num lar, após uma avaliação multidimensional, feita por equipas de saúde multidisciplinares, deverão disponibilizar-se apoios adequados às necessidades e à dignidade da pessoa. Nos lares os cuidados devem ser personalizados, facultados com o envolvimento do próprio e dos “seus” significativos. Aos profissionais compete uma intervenção positiva do ponto de vista afectivo, centrada nas necessidades da pessoa e no apoio aos cuidadores informais. Mais do que aumentar as respostas em lares é fundamental qualificá-las, diversificar os apoios às pessoas com demência nas comunidades de pertença, diversificar estruturas de proximidade, formar os cuidadores formais e informais, sensibilizar as populações para o valor e o direito que cada pessoa tem, mesmo se doente, a fazer escolhas até ao limite das suas capacidades e longevidade.

In “*Diário de Notícias*”